

A CASA DE ISÓMACO

A *Económica* de Xenofonte contém o tratado da vida matrimonial mais desenvolvido que nos legou a Grécia clássica. O texto apresenta-se como um conjunto de preceitos sobre o modo de governar o património. A propósito dos conselhos para administrar o domínio, dirigir os operários, proceder às diferentes formas de cultura, aplicar na altura conveniente as boas técnicas, vender ou comprar como deve ser e quando deve ser, Xenofonte desenvolve várias reflexões gerais: uma reflexão sobre a necessidade, nessas matérias, de recorrer a práticas racionais que designa tanto pelo termo saber (*epistēmē*), como pelo de arte ou de técnica (*technē*); uma reflexão sobre o objectivo que ela se propõe (conservar e desenvolver o património); e finalmente uma reflexão sobre os meios de atingir esse objectivo, quer dizer, sobre a arte de comandar, e é este último tema que é mais frequentemente abordado ao longo do texto.

A paisagem na qual se inscreve esta análise é social e politicamente muito caracterizada. É o pequeno mundo dos proprietários de terras que devem manter, aumentar e transmitir aos que têm o seu nome, os bens da família. Xenofonte opõe-no muito explicitamente ao mundo dos artesãos cuja vida não é

benéfica nem para a própria saúde (por causa do seu modo de vida) nem para os seus amigos (aos quais não tem a possibilidade de ajudar), nem à cidade (pois que não têm tempo para se ocupar dos seus assuntos).¹ Em compensação, a actividade dos proprietários de terras desenvolve-se tanto sobre a praça pública, na ágora onde podem cumprir os seus deveres de amigos e de cidadãos, como no *oikos*. Mas o *oikos* não é apenas constituído pela casa propriamente dita; comporta também as terras e os bens que aí se encontram (mesmo fora dos limites da cidade): “a casa de um homem, é tudo o que ele vem a possuir”;² define toda uma esfera de actividades. E esta actividade está ligada a um estilo de vida e a uma ordem ética. A existência do proprietário, quando ele se ocupa como deve do seu domínio é, antes de mais, boa para ele próprio; constitui, em todo o caso, um exercício de resistência, um treino físico que é bom para o corpo, para a sua saúde e o seu vigor; encoraja também à piedade permitindo fazer ricos sacrifícios aos deuses; favorece as relações de amizade, fornecendo ocasiões de se ser generoso, de cumprir largamente os deveres de hospitalidade, e de manifestar benevolência em relação aos cidadãos. Além disso, esta actividade é útil à cidade inteira porque contribui para a sua riqueza e sobretudo porque lhe fornece bons defensores: o proprietário de terras, habituado aos trabalhos rudes, é um soldado vigoroso e os bens que possui ligam-no à defesa corajosa do solo pátrio.³

Todas estas vantagens pessoais e cívicas da vida do proprietário confluem naquilo que surge como o mérito principal da arte “económica”: ensina a prática do comando de que é indissociável. Dirigir o *oikos*, é comandar; e comandar em casa não é diferente do poder que se tem de exercer na cidade. Sócrates dizia-o a Nicomaquides nos *Memoráveis*: “Não desprezes os bons ecónomos; pois a condução dos assuntos privados difere

1. Xenofonte, *Économique*, IV, 2-3.

2. *Ibid.*, I, 2.

3. Sobre este elogio da agricultura e enumeração dos seus efeitos benéficos, cf. todo o capítulo V da *Économique*.

apenas pelo número da dos assuntos públicos; no resto, assemelham-se...; os que dirigem os assuntos públicos não empregam homens diferentes dos que são empregados pelos administradores dos assuntos privados, e aqueles que sabem empregar os homens dirigem igualmente bem os assuntos privados e os públicos.”¹ O diálogo sobre a *Económica* desenvolve-se como uma grande análise da arte de comandar. O início do texto evoca Ciro, o Jovem, que vigiava pessoalmente as culturas, exercitava-se todos os dias a plantar o seu jardim, e que tinha adquirido assim uma tal habilidade para dirigir os homens, que nenhum dos seus soldados, quando teve de fazer a guerra, desertou alguma vez do seu exército: mais do que abandoná-lo teriam preferido morrer sobre o seu cadáver.² Simetricamente, o fim do texto evoca a réplica deste monarca modelo, tal como o podemos encontrar seja nos chefes “de grande carácter”, que os seus exércitos seguem sempre sem hesitações, seja nos donos da casa cujas maneiras reais bastam para estimular os operários logo que o vêem e sem que tenha de se zangar, ameaçar ou punir. A arte doméstica é da mesma natureza que a arte política ou a arte militar, pelo menos na medida em que se trata, em ambos os casos, de governar os outros.³ É nesse contexto de uma arte da “economia” que Xenofonte coloca o problema das relações entre marido e mulher. É que a esposa, enquanto dona da casa, é um personagem essencial na gestão da *oikos* e para o seu bom governo. “Existe alguém a quem confies mais negócios importantes que à tua mulher?” pergunta Sócrates a Critóbulo; e um pouco adiante, acrescenta: “por mim, considero que uma mulher que é uma boa associada para o governo da casa é tão importante como o homem para a vantagem comum”; e, portanto, nesta ordem de coisas, “se tudo se faz bem, a casa prospera; se é mal feito, a casa corre perigo”.⁴

1. Xenofonte, *Mémorables*, III, 4.

2. Xenofonte, *Économique*, IV, 18-25.

3. *Ibid.*, XXI, 4-9.

4. *Ibid.*, III, 15.

Ora, apesar da importância da esposa, nada é realmente preparado para que ela possa desempenhar o papel requerido: antes de mais, pela sua extrema juventude e a muito sucinta educação que recebeu (“quando casaste com ela era uma mulher muito jovem a quem não se deixara, na medida do possível e por assim dizer, ver nada nem ouvir nada”), e também a ausência quase total de relações com o seu marido com quem só raramente conversa (“existirá alguém com quem tenhas menos conversas do que com a tua mulher?”)¹ É precisamente neste ponto que se situa, para o marido, a necessidade de estabelecer com a sua mulher relações que são ao mesmo tempo de formação e de direcção. Numa sociedade em que as raparigas são entregues muito jovens — em geral por volta dos quinze anos — a homens que são com frequência duas vezes mais velhos, a relação conjugal, à qual a *oikos* serve de suporte e de contexto, assume a forma de uma pedagogia e de um governo das condutas. Aí reside a responsabilidade do marido. Quando o comportamento da mulher, em vez de ser proveitoso para o marido, só lhe causa prejuízos, a quem deve ser atribuída a culpa? Ao marido. “Se um carneiro está em mau estado, é geralmente o pastor o responsável; e se um cavalo tem manhas, é habitualmente o cavaleiro que é acusado por isso; no que se refere à mulher, se o marido lhe ensina a fazer bem as coisas, e no entanto ela administra mal os seus negócios, será sem dúvida justo atribuir a responsabilidade disso à mulher; mas se ele tem uma mulher que ignora o bem porque ele não lho ensina não seria justo fazer recair a responsabilidade sobre o marido?”²

Como se pode ver, as relações entre esposos não são questionáveis em si; não são à partida consideradas como uma relação simples de um casal constituído por um homem e uma mulher e que poderia ter, além disso, de se ocupar de uma casa e de uma família. Xenofonte trata desenvolvidamente da re-

¹. *Ibid.*, III 12-13.

². *Ibid.*, III, 11.

lação matrimonial, mas de modo indirecto, contextual e técnico; aborda-a no quadro da *oikos*, como um aspecto da responsabilidade governamental do marido e procurando determinar como é que o esposo poderá fazer da sua mulher a colaboradora, a associada, a *sunergos*, de que necessita para a prática razoável da economia.

A demonstração de que essa técnica pode ser ensinada é solicitada a Isómaco; este, para conferir autoridade à sua lição, tem de ser, nem mais nem menos, que um “homem de bem”; deparou outrora com a mesma situação em que hoje se encontra Critóbulo; desposou uma mulher muito jovem — tinha quinze anos e a sua educação pouco mais lhe ensinara que a fazer um manto e a distribuir a lã às fiandeiras;¹ mas formou-a tão bem e fez dela uma colaboradora de tal modo preciosa que pode agora confiar-lhe o cuidado da casa, enquanto ele fica disponível para gerir negócios, quer seja nos campos quer na *agora*, ou seja, nos locais onde se deve exercer de modo privilegiado a actividade masculina. Isómaco vai, portanto, fazer, para Critóbulo e Sócrates, a exposição da “economia”, da arte de gerir a *oikos*; antes de dar conselhos sobre a gestão de um domínio agrícola começará, muito naturalmente, por tratar da casa propriamente dita, cuja administração deve ser bem regulada quando se quer ficar com tempo para tratar do gado e dos campos, e evitar que todo o esforço efectuado seja perdido devido a uma desordem doméstica.

1. Isómaco recorda o princípio do casamento, citando o discurso que teria feito à sua jovem mulher algum tempo depois do casamento, quando ela se familiarizou com o esposo e se “acostumou o suficiente para conversar”: “Por que é que casei contigo e por que é que os teus pais te entregaram a mim?”; o próprio Isómaco responde: “Porque reflectimos eu, por minha própria conta, e os teus pais pela tua, no melhor associado que

¹. *Ibid.*, VII, 5.